

HELENA CHAGAS



de Brasília

Turno zero de 2002

• Nada é o que parece. A propalada resistência de José Sarney em assumir a presidência do Senado não é tão forte assim, e neste fim de semana virou mágoa profunda quando o pai da pré-candidata pefelista Roseana Sarney viu que não era o preferido do Planalto. A cúpula do PMDB foi outra que também enganou bem: trabalha o tempo todo para fazer um dos seus, tipo Renan Calheiros.

Por que tanto disfarce, cortina de fumaça e jogo duplo num momento em que o mais sensato seria preservar a instituição e fazer a substituição de Jader Barbalho sem delongas?

É que, afinal, joga-se ainda o turno zero da sucessão presidencial, aquele que começou em fevereiro mas foi atropelado pelos acontecimentos que levaram de roldão o mandato de Antonio Carlos Magalhães e a presidência de Jader.

As forças governistas estão passando por uma re-composição e o arranjo que sair daí — seja um reforço da união PSDB-PMDB que deu as cartas em fevereiro, ou sua implosão de vez pela reaproximação dos tucanos com o PFL, ou ainda um entendimento a três — será o precursor da aliança para a chapa governista de 2002.

Por isso, a escolha de um nome capaz de restaurar o prestígio do Senado pode ser até preocupação sincera dos participantes do jogo. Mas não maior do que a ânsia de cada um em ver o assunto resolvido de forma a se posicionar melhor para 2002, ainda que para isso tenham que distribuir cotoveladas a esmo.

A começar pelo PMDB. Desconfiado de que o PFL andava de olho na vaga, o partido de Jader não largou o osso. Embora sem condições políticas de reassumir de fato, o senador só pronunciará o discurso de renúncia com o sucessor escolhido. Por sua extrema fragilidade política, ele não está exatamente participando das articulações de sua sucessão. Mas é certo que esse item entrou no pacote das negociações com o partido para deixar a presidência da Casa.

Para renunciar, Jader recebeu garantias de que, no mínimo, o Senado não seria presidido por algum colega que acabasse se encaixando no perfil de algoz em seu processo de cassação. O que já eliminou de cara desafetos do senador na bancada como Pedro Simon e José Fogaça, este último o preferido do Planalto.

Mas não é apenas essa a preocupação do PMDB. O que seus dirigentes indagam é por que, depois de tanto lutar para reconquistar o comando do partido, iriam agora deixar o controle do terceiro cargo na linha de sucessão da República com um estra-

nho no ninho. Ninguém ignora a importância da presidência do Senado a qualquer tempo, maior ainda às vésperas de eleições gerais.

Seria, portanto, suprema ingenuidade imaginar que os peemedebistas permitiriam ao Planalto, com suas influências tucanas e pefelistas, nomear o novo titular. Há uma semana, os governistas do PMDB — Michel Temer, Geddel Vieira Lima, Renan Calheiros, Eliseu Padilha — saíram vitoriosos de uma convenção em que mostraram ter a maioria para isolar Itamar Franco. Fizeram tudo direitinho como queria o governo. Agora, querem ter o presidente do Senado que melhor atenda a suas conveniências. Não têm coragem de dizer, mas lá no fundo do coração acham que esse nome não é Sarney.

A direção do PMDB não rejeitaria ostensivamente o ex-presidente, nome que se sobrepõe aos demais pela capacidade de restaurar a credibilidade da instituição. Ele não é, porém, da copa e da cozinha do PMDB, e não seria um agente dos interesses do partido. Neste momento, José Sarney é, sobretudo, o pai da governadora Roseana, pré-candidata do PFL, melhor cotada nas pesquisas do que os tucanos que postulam a candidatura.

Diz-se que, no Planalto, um serrista lembrou-se disso. E levou FH a vazar um inusitado apoio a Ramez Tebet, colocando o ex-presidente num vexatório quarto lugar na lista das preferências. Apesar do pronto telefonema de desmentido do presidente, foi o suficiente para Sarney passar o fim de semana magoadíssimo. E se vingar apoiando o líder Renan Calheiros.

Com isso, chegou aonde a cúpula peemedebista sempre esteve. O Planalto, porém, vê Renan com reservas, pressionado pelos tucanos de São Paulo, que lembram a briga do ex-ministro da Justiça com Mário Covas. O que quer dizer que a bola poderia voltar a quicar no campo de Sarney. Ou no de Tebet, que está quietinho esperando.

O fim de todas essas manobras ilusionistas ainda está sendo escrito. Mas a principal torcida, neste momento, não deveria ser por nomes, e sim para que a imagem do Senado sobreviva até 2002.